

E se nos importa conhecer a nossa própria identidade, a fim de valorizarmos o que somos como cultura e como povo (p. 21), isso não nos impede de reconhecer serenamente ora o encanto ora o desencanto dos legados plurais que recebemos, na medida em que eles promovam ou firam a dignidade da pessoa humana, no que ela tem de mais intrínseco. Quando os estudos humanísticos perdem de vista este critério, tornam-se vítimas das armadilhas ideológicas que tentam combater.

MARGARIDA MIRANDA

Universidade de Coimbra

mmirandafluc@gmail.com

[http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_67\\_15](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_15)

CORTEZ, Ives. *Le français ne vient pas du latin! Essai sur une aberration linguistique*. Paris: L'Harmattan, 2007.

A tese do livro é a seguinte: a partir do século II antes de Cristo, os romanos eram bilingues, utilizando o italiano como língua falada e o latim como língua escrita; são estas as duas línguas que os romanos levaram a todas as regiões que conquistaram. Assim, na França, na Espanha e na România os povos abandonaram as suas respectivas línguas e passaram a empregar o italiano como língua falada, usando o latim apenas como língua escrita.

A fim de provar a referida tese, o Autor oferece sete «provas»: (1) a latim era uma língua morta a partir do século I depois de Cristo, (2) o vocabulário de base das línguas românicas não é o latim, (3) a gramática das línguas românicas não herdou nada do latim, (4) as línguas evoluem muito lentamente, (5) toda a etimologia oficial da língua francesa é fantasiosa, (6) as línguas românicas são quase idênticas, (7) o antigo francês é um francês «italianizado».

Na segunda parte do livro pretende responder à pergunta «De onde vem o nosso engegamento?». O Autor começa por alegar algumas falhas por parte dos linguistas, citando especialmente Antoine Meillet, o grande indo-europeísta do século XX. Depois, faz afirmações em relação ao parentesco itálico e indo-europeu, descreve sucintamente o que considera ser as implicações da convivência entre dois povos (*Latins, Italiens*) no Império Romano, referindo sobretudo a preponderância da unilateralidade no intercâmbio linguístico. Considera que o canal duplo da igreja e da universidade é responsável pela impressão de um elevado grau de parentesco

entre o latim e as línguas românicas. Outros fatores que considera responsáveis por uma impressão errada em relação à origem das línguas românicas, são a falta de textos no antigo italiano e o que chama de «enigma osco».

A terceira parte do livro versa sobre três temas de acordo com as ideias do Autor: as bases da pesquisa linguística são oscilantes, o baixo latim é uma ficção, a ortografia francesa está artificialmente latinizada.

Os passos da argumentação do Autor são os seguintes: O baixo latim e o latim vulgar nunca existiram, são apenas ficções dos linguistas. As línguas românicas, portanto, não podem ter provindo do latim. Mas o Autor tem a solução: vieram do antigo italiano. Porém, faltam textos do antigo italiano. Neste caso também, o Autor tem a solução: ele constroi o antigo italiano recomposto (veja-se a secção *Le vocabulaire de l'italien ancien*, pp. 41-51, onde se encontram as respectivas palavras, bem distintas do latim clássico, pois outra variedade nunca existiu...): o francês *traité*, o italiano *trattato*, o espanhol *tratado*, o rumeno *tratată*, que diferem bastante do latim *foedus*. Ou ainda, entre outras séries, o francês *jardin*, o italiano *giardino*, o espanhol *jardín*, o rumeno *gradina*, o antigo italiano recomposto *\*jardino*, o latim *hortus*. De acordo com as séries de palavras apresentadas por Cortez, as semelhanças entre o «antigo italiano recomposto» e as palavras das línguas românicas são claramente maiores do que as semelhanças entre o latim e essas mesmas palavras.

Em face do que se nota nas séries indicadas, Cortez afirma que «... l'étymologie, bien conçue, montre... que le français ne vient pas du latin». (p. 95).

Por outro lado, o Autor afirma «... le français ancien n'est pas intermédiaire entre le français moderne et le latin, il est intermédiaire entre le français moderne et l'italien». (p. 104; vejá-se as tabelas comprovativas pp.101-103).

Está tão seguro em relação às suas próprias etimologias que afirma:

Je qualifie les étymologies de Bloch et Wartburg, reproduites dans le Larousse et le Robert d'«**officielles**». Elles ont un caractère officiel, mais ne reposent sur aucun fondement scientifique. Je les conteste toutes. Elles sont d'ailleurs probablement toutes fausses, comme je l'expose... (p. 152).

Enfim, Cortez está tão convencido da verdade dos seus argumentos, que conclui que «Non seulement la langue latine n'est pas la langue-mère

des langues romanes, mais plus encore, elle n'en est qu'une parente éloignée.» (p. 126).

Ao contrário dos especialistas na linguística indo-europeia, considera que «... l'indo-européen a donné plusieurs branches dont l'italique. L'italique a donné au moins deux branches: le latin, qui n'a pas eu de descendance, et l'«italien ancien» qui a donné naissance à toutes les langues romanes». (p. 36).

O Autor afirma que o ramo itálico data de uns 10,000 anos antes de Cristo, que o indo-europeu data de uns 20,000 anos antes de Cristo (p. 37); num outro trecho diz que considera que o indo-europeu data de entre 10,000 e 20,000 anos antes de Cristo (p. 151).

Segundo a noção comum, o francês *manger* viria do latim *manducare*. O Autor observa que há alguma semelhança entre a palavra francesa e a palavra latina, afirma, porém, que na realidade a palavra francesa se deriva mais seguramente de um radical indo-europeu **MS**, que ele considera representado no russo, no hindí, no inglês, no latim, no grego e no alemão (p. 92). Tal radical **MS** não se encontra em nenhum dos principais dicionários do indo-europeu, os quais, aliás, não incluem nenhum radical composto por apenas duas consoantes e sem nenhuma vogal. Considera-se, porém, que a raiz indo-europeia **\*mendh-** «mastigar» deu origem, entre outros, ao inglês *mandible* e *manger*; ao grego *μαστιχάω* «ranger os dentes», que por sua vez deu origem ao latim *masticare* e o inglês *mastigate*; ao inglês *moustache*, por via do grego dórico *μύσταξ*.

Num outro trecho, onde o Autor contesta a noção do francês *conter* provir do latim *computare* e afirma que, ao contrário, vem do italiano *contare*, juntando o seguinte:

En réalité, le mot latin COM-PUTARE veut dire «examiner ensemble», alors que le mot italien ancien CONTAR est une des nombreuses dérivations du radical indo-européen CT qui a donné aussi: CITER, CONTER; CHANTER (CANTARE), É-COUTER, RA-CONTER...

No trecho acima, o Autor confirma a sua ignorância quanto à constituição das raízes do indo-europeu (as quais ele persiste em referir como «radicais»), com a qual combina o seu desconhecimento da semântica: afinal, qual o significado original de uma raiz primitiva que pudesse dar origem aos vários sentidos das palavras referidas? Além disso, de acordo com os conhecimentos

geralmente aceites, a palavra *citer* descende do indo-europeu \***KEIṠ**- «pôr em movimento», a palavra *chanter* do indo-europeu \***KAN**- «cantar», entre outras que Cortez considera de uma mesma origem indo-europeia, mas que são de origens indo-europeias distintas, de raízes diferentes.

As observações apresentadas poderão ser suficientes para dar alguma ideia da baixa qualidade do livro considerado, mas, para representar o tom de superioridade do Autor ao longo do texto, seria preciso exemplificar muito mais.

Na capa do livro, afirma-se que o Autor prova de forma irrefutável que os romanos já não falavam latim quando iniciavam as conquistas... senão o italiano, um antigo italiano muito próximo do italiano moderno, que dominou todas as línguas da península itálica a partir do século II antes de Cristo. E continua assim, por aí em diante. Pelo contrário, o que se observa na história das ciências (inclusive, na história das ciências da linguagem), é que, de modo geral, os progressos no conhecimento não se realizam a partir de *provas irrefutáveis*, mas antes a partir de meras *novas hipóteses*, que não são apresentadas como provas irrefutáveis.

BRIAN FRANKLIN HEAD  
Emeritus professor, University of Albany  
bfhl22333@gmail.com  
[http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_67\\_16](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_16)

DE MARTINO, F. & Morenilla, C. (eds.), *A la sombra de los héroes*. Bari: Levante Editori, 2014, 486 pp. ISBN: 978-88-7949-638-4.

Esta obra, que reúne textos de autores diversos, enquadra-se na sequência de publicações anteriores de um grupo de investigadores que se encontra anualmente em Valência para refletir sobre um interesse comum pelo teatro clássico greco-latino e pela sua receção. O presente volume inicia uma nova linha de trabalho do grupo, que pretende privilegiar as personagens secundárias, como os editores clarificam num pertinente texto introdutório, esclarecedor do fio condutor que orienta os diferentes contributos. Deste modo, num périplo focalizado no teatro da Antiguidade e na sua projeção, esta edição faz desfilar com oportunidade múltiplas personagens secundárias, femininas e masculinas, tradicionais, adaptadas ou mesmo novas, i. e., ausentes do paradigma, que com frequência se vêem obscurecidas